

IMAGINÁRIO E MITO NO PROGRAMA CATALENDAS DA TV CULTURA-PA: UMA ANÁLISE NARRATOLÓGICA DO EPISÓDIO “O CASTIGO DO JAPIM”

Nataly Chaves Pinheiro¹

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo estudar como podem se inter-relacionar imaginário e o mito na construção narratológica e imagética do Programa Catalendas da TV Cultura, especialmente no caso do episódio “O castigo do Japim”. O estudo se justifica pela intenção de construir reflexões sobre um construto midiático permeado de traços da cultura amazônica. Do ponto de vista das narrativas orais, muitos fenômenos ligados à floresta, aos rios e às populações das ribeiras, ganham sentido social a partir de histórias permeadas do imaginário, do encantamento fabulístico, transmitidas e herdadas pela prática oral.

1. Metodologia

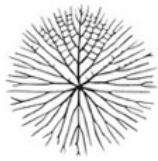
Os aportes teóricos e metodológicos utilizados para dar consistência ao estudo foram a narratologia em Motta (2013), como também o conceito de cultura em Geertz (2008) e Homi Bhabha (1998), o imaginário em Laplatine & Trindade (2012) e Paes Loureiro (1994) e o mito em Barthes (2001), Cassier (1992) e Eliade (1978).

Escolheu-se a narratologia em Motta (2013, p. 123),

por ser utilizada não somente para crítica ilustrada de romances, contos e novelas [...], mas também como procedimento analítico para compreender mitos, fábulas, ou seja, valores subjetivos e intersubjetivos, que materializam as ideologias e a cultura política inteira de uma sociedade.

Também foi realizado um estudo da narrativa em três instâncias expressivas de análise: *plano da expressão (linguagem e discurso); plano da estória (ou do conteúdo ou diegese) e plano da metanarrativa (tema de fundo)*. MOTTA (2013), distingue três

¹ Cursa Doutorado em Comunicação, Linguagens e Cultura, na Universidade da Amazônia.



planos que constituem um procedimento técnico para iniciar o mergulho até a essência do objeto e, a partir dele, retirar deduções sobre a relação comunicativa.

No plano da expressão, a análise se concentrou no enunciado narrativo, seja ele visual, sonoro, verbal, gestual, etc, ou seja, no plano do discurso propriamente dito. Em relação ao plano diegético, buscou-se o mundo possível em um espaço-temporal (clima) imaginado no construto mimético e/ou imitativo da vida. Já no plano da metanarrativa, foram evocados os imaginários, firmados nas categorias como temor à morte, castigo, fúria e outros temas.

2. Resultados e Discussão

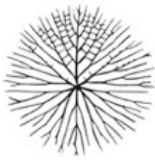
Neste episódio, o que se narra é a história de como surgiu a amizade do pássaro *Japim* com as *Vespas*. Assim, ocorre, no episódio aqui analisado, o mito narrado como estória ficcional e traz a cosmovisão indígena para justificar a relação harmônica de inquilinismo que o pássaro Japiim (*Cacicus cela*), ver (Figura1), possui com as vespas. Na “vida real”, o pássaro constrói seu ninho, (Figura 2), em forma de saco alongado sobre galhos da Sumaúma (*Ceiba petandra*), a maior árvore da várzea amazônica. Antes, certifica-se de que lá já se encontrem os ninhos das vespas amarelas (*Athrvon áurea*). A razão disto: os Japiins são barulhentos e isto atrai predadores e também o Japó (*Psarocollus decumanus*) que invariavelmente tenta roubar-lhes o ninho. Os Japiins excitam as vespas batendo nos ninhos destas e recolhem-se aos seus próprios ninhos. As vespas, então, se encarregam de mandar para longe os invasores.

Figura 1 – Pássaro Japiim



Figura 2 – Ninhos do Japiim





IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

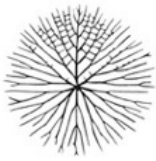
A apresentação do episódio que coincide com o começo da narração, já apresenta de início um cenário que entra em diálogo com a (Figura 2) mostrada acima, neste cenário aparecem os ninhos de pássaros e vespas voando ao seu redor, levando a entender de início, que o ambiente da floresta é o cenário da estória. Logo depois do efeito de passagem (o cata-vento girando), *Preguinho* aparece gritando por socorro na frente da casa da Dona Preguiça, pois as vespas estão “atrás” dele. Neste momento, *Dona Preguiça* está participando dos acontecimentos que introduzem e apresentam estória do “Castigo do Japim”. A narradora fecha a janela de sua casa para que as vespas que perseguem *Preguinho* não entrem. Este é o primeiro conflito que ocorre, pertencente à macronarrativa. *Dona Preguiça* convida, então, o macaco para entrar. *Preguinho* obedece e os dois esperam as vespas irem embora. Ao abrir a janela, *Dona Preguiça* pergunta ao macaquinho:

Dona Preguiça: “o que foi que tu aprontaste desta vez, pra deixar as vespas furiosas?”

Preguinho: “Nada ora, eu só ‘tava’ querendo ver os ninhos de passarinho”.

O trecho “o que tu aprontaste desta vez” indica uma inferência, *Preguinho* já aprontou outras vezes, isso indicia sua personalidade, cria uma imagem do narratário-personagem, pois sugere que é bastante traquino. Ademais, este diálogo leva a entender que *Preguinho* é morador da floresta e neste último “passeio”, antes de correr das vespas, estava subindo bem alto nas árvores para ver os ninhos de passarinho. No entanto, *Preguinho* ainda desconhece o funcionamento do ecossistema em que vive, afinal ainda não sabe que existe o pássaro “amigo” das vespas e que ali estaria protegido: o Japim.

Paes Loureiro estuda está relação entre o poético e o mítico, que apresentam afinidades (2000, p. 68), “são produtos de um imaginário estetizante, no entanto, apresentam-se como verdades aparentes, ou formas de verdades, [...]. O poético e o mítico estabelecem uma das bases em que se edifica a cultura”. Essa relação compõe as amazonicidades dos mitos no *Catalendas*, posto que representam uma identidade entre o mítico como um dispositivo que dispõe de uma função estética por meio dos



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA

modos de narrar, entrelaçada com a realidade amazônica, na qual se inter-relacionam saberes populares e culturais sobre a vida na floresta.

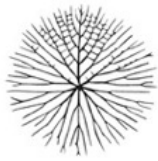
O espectador atento ao observar o cenário de abertura (Figura 3) já imagina/supõe o motivo das vespas estarem atacando *Preguinho* – elas protegem os ninhos do pássaro *Japim* - enquanto *Dona Preguiça* anuncia o episódio que pode instruir o “macaquinho”.

Figura 3 – Abertura do episódio “castigo do japim”



Fonte: Recortes do episódio “o castigo do japim”

Neste cenário, a câmera mantém distância do foco (*zoom out*) dando uma espécie de panorâmica, logo entra o modo de aproximação (*zoom in*) permitindo mostrar detalhes estéticos e a movimentação da floresta, o cenário, e o surgimento das personagens na composição da cena. Este é o *Narrador Câmera* “essa categoria serve àquelas narrativas que tentam transmitir *flashes* da realidade como se apanhados por uma câmera arbitrária mecanicamente” (FRIEDMAN, 1955 apud LEITE, 1985, p. 62). Este narrador mostra diversos ninhos pendurados em uma árvore frondosa, uma casa de vespa também está armada próximo dos ninhos. A câmera vai se aproximando até a focalização chegar aos ninhos. Neste momento, é possível ver filhotes de pássaros, com penas pretas e amarelas. Eles por sinal, aparentam tranquilidade na presença de várias vespas sobrevoando suas casas. Este narrador *Câmera* não é completamente



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

neutro, por trás da câmera há sempre alguém decidindo o ângulo, selecionando o que deve ou não ser representado.

Durante todo o desenrolar da trama será possível encontrar uma fisionomia própria marcada por peculiaridades estetizantes significativas, com o predomínio de componentes indígenas na nominalização e na construção do mito (PAES LOUREIRO, 2000), por exemplo, note a construção cíclica do processo narratológico: *Tupã* é um Deus dos índios, *Japim* canta para *Tupã* que é Deus dos índios, *Japim* com seu canto maravilhoso cura os índios de uma doença grave, a narradora *Dona Preguiça* inicia a estória afirmando que sua referência é indígena.

A personagem *Tupã* é a personificação do sol, com características indígenas como pintura corporal e adornos feitos de penas de aves, (Figura 4)

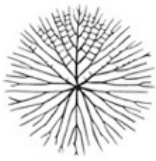
Figura 4 – Caracterização física de Tupã



Fonte: recortes do episódio “o castigo do japim”

Na mitologia amazônica brota como revelação as relações do homem com a natureza. Na narrativa, isto é evocado pelo canto que cura os índios. Esta é uma “concepção de mundo e de vida, em que o maravilhoso provoca o *sfumato*, interligando real e surreal” (LOUREIRO, 2000, p. 89).

Outro recurso que compõe a atmosfera do *Catalendas* é a composição de uma cenografia em diálogo com a paisagem ou o imaginário amazônico. A cenografia é



realizada de modo limitado em um estúdio de gravação e pensada para dar conta da movimentação dos bonecos de vara ou bonecos de manipulação direta como a Dona Preguiça. Os ambientes cenográficos foram confeccionados de modo a ficarem suspensos e facilitarem a movimentação dos atores-bonecos e dar maior profundidade às cenas. Entendo, pois, que estes bonecos produzem efeito de sentido e identificação com o ambiente amazônico, já que são produzidos a partir de materiais reutilizados, muitos extraídos da floresta, como madeira, palha, miriti e folha seca.

3. Conclusões

Em nossa busca por entender as inter-relações entre o imaginário e o mito no Programa *Catalendas* da TV cultura do Pará, no caso do episódio “a pororoca”, verificamos que imaginário produz o mítico e ainda assim possui uma interconexão com o real e não com a realidade factual, científica, já que o real também requer um ato interpretativo, focalizado, pois os homens atribuem sentido às coisas e à natureza por meio de diversos conjuntos de representação.

4. Palavras-chave – Imaginário; Mito; Catalendas; Narratologia; O castigo do japim.

5. Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito**. Tradução de J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 15-32.

ELIADE, Mircea. **Mito e Literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LAPLATINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é Imaginário?**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

LOUREIRO, João de Jesus. **A cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém, CEJUP, 1994. (p.49-74).

MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.